

OFICINAS DE FANDANGO CAIÇARA COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA AJJ¹

Paulo Cesar Franco (UFSCAR- So)

Começando com minha trajetória

O ano de 2003 marcou o início de minha entrada no magistério paulista e também no universo da pesquisa da Cultura Caiçara.

Ultrapassava uma década que eu havia me distanciado da Jureia² devido à criação da Estação Ecológica Jureia-Itatins-EEJ³ que restringiu o modo de vida caiçara e me fez deixar o lugar que nasci.

Ao voltar ao coração da Jureia, mais precisamente à Cachoeira do Guilherme, comunidade tradicional caiçara da Jureia onde viveu Sátiro Tavares, falecido líder espírita, sentia-me feliz e entusiasmado porque podia novamente pisar o chão onde estavam minhas raízes e também saber que ali começava um compromisso de educador num projeto educacional e inovador que era a Escola Caiçara da Jureia-ECJ.

Escola Caiçara da Jureia-ECJ

A ECJ foi um projeto educacional idealizada pela Associação dos Jovens da Jureia-AJJ⁴, que funcionou entre os anos de 2000 a 2004 com um currículo que tinha por base os saberes da cultura local conforme Wunder (2002) descreveu.

A "Escola Caiçara da Jureia": uma escola comunitária de moradores - alguns pais de alunos da escola da Barra - da Estação Ecológica Juréia-Itatins, idealizada por eles como uma maneira de manterem-se, ou retornarem, ao local de origem. Esta escola, situada no centro da Estação Ecológica, além de suprir uma necessidade básica das crianças e jovens que lá ainda moram, tem também objetivos mais amplos. A ideia que move a sua criação é a necessidade que estas famílias estão sentindo de retornarem à Jureia e de verem seus filhos aprendendo, não só os conhecimentos escolares, mas também aqueles locais, relacionados à pesca, agricultura, arte, culinária, cura, enfim aqueles conhecimentos que se construíram e constroem na relação com a natureza (WUNDER, 2002, p.204).

¹ V ENADIR, GT.08 – Festejos, rituais e a salvaguarda de direitos.

² Jureia é um território caiçara situada no município de Iguape, litoral sul paulista, transformada em Estação Ecológica em 1986.

³ Unidade de conservação da natureza criada em 1986 que não permite a presença humana em seu interior. Jureia é o nome dado ao território caiçara de aproximadamente 80.000 hectares situado, em sua maior extensão, no município de Iguape, litoral Sul Paulista que em 1986 foi transformado em Estação Ecológica pelo governo do Estado de São Paulo causando a expulsão de centenas de comunidades caiçaras para as periferias das cidades de Iguape, Peruíbe, Miracatu, Pedro de Toledo e outras tantas localidades da baixada Santista e Vale do Ribeira.

⁴ AJJ é uma entidade criada em 1992 tem objetivo de resgatar a cultura caiçara através da produção de artesanato da caxeta, planta típica da Mata Atlântica de rápida regeneração e fácil manuseio. Mais adiante será retomado o histórico da entidade.

Além da AJJ, que coordenou o projeto, a ECJ também contou com as parcerias do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras-NUPAUB, Comunidades Tradicionais Caiçaras da Jureia, pesquisadores simpatizantes pela causa e a Prefeitura Municipal de Iguape.

O cotidiano na ECJ começava cedo com uma equipe de educandos que preparava o café da manhã. A etapa de estudos teóricos normalmente encerrava às 11h30 quando outra equipe assumia os preparativos do almoço. A tarde era reservada para trabalhos na horta, na roça, no preparo da farinha de mandioca artesanal e na captura de peixes para as refeições. À noite a comunidade se reunia em volta do fogão à lenha para contar histórias da região.

Nos finais de semana havia mutirão para colheita de arroz, feijão ou para a realização de outros trabalhos coletivos. Na festa de São Miguel Arcanjo, por exemplo, padroeiro da Cachoeira do Guilherme, acontecia o fandango caiçara como forma de encontro e confraternização das comunidades caiçaras.

No entanto, em 2004, por conflito de poder entre a Secretaria da Educação e a Secretaria do Meio Ambiente, a Diretoria de Ensino da Região de Miracatu, determinou o fechamento da ECJ por alegar, entre outras burocracias, a redução na demanda de alunos. Mesmo com a interrupção da ECJ, a ideia de educação caiçara continuou de forma itinerante em outros espaços das comunidades caiçaras e mesmo nos espaços das escolas formais.

Filosofia e Cultura Caiçara: O ensino através de projetos

A partir de 2005, após um ano do fechamento da ECJ, passei a lecionar filosofia na EE Sebastiana Muniz Paiva, situada na Barra do Ribeira, bairro próximo da foz do Rio Ribeira de Iguape e porta de entrada para a EEJI.

No mesmo ano iniciei um projeto intitulado “filosofia em versos Caiçaras” que tinha por objetivo discutir com os educandos a identidade caiçara a partir das letras das músicas do fandango.

Minha motivação para a concepção e desenvolvimento desse projeto nasceu por conta da resistência que existia entre educandos e professores da escola Sebastiana em relação à pesquisa da cultura caiçara em sala de aula e na comunidade. Alguns professores diziam que o estudo sobre a cultura caiçara tornava os educandos desmotivados a procurarem trabalho fora do município de Iguape e os educandos, por não conhecerem sua história, também desvalorizavam a cultura local bem como não se reconheciam como caiçara.

Meu trabalho em cima dessa questão foi bastante persistente até que certo tempo começou a aparecer alguns resultados. Um exemplo desse trabalho apresenta-se a seguir.

A poesia intitulada “Moda Caiçara”, escrita pelo ex-educando da EE Sebastiana Muniz, Pablo Henrique Martins, revelava, naquele momento, a percepção que um jovem caiçara tinha por sua cultura.

Paulistano quer comer peixe,
No mercado ele procura.
Caiçara agarra na vara,
E sai pela noite, às escuras.
Paulistano fica doente,
Vem logo o doutor e cura.
Caiçara fica doente,
O remédio é sepultura.
A perna da paulista,
É bonita e tem grossura.
Cambito da caiçara,
Ainda perde pra saracura.
Paulistano levanta cedo,
Toma café com mistura.
Caiçara bebe garapa,
Quase sempre sem doçura.
A roupa do paulistano
Fazenda boa que dura.
O trapo do caiçara,
É só remendo e costura.

A continuidade do trabalho buscando relacionar a filosofia, poesia e cultura caiçara foi conquistando espaço dentro e fora da escola.

Minha persistência com os versos enquanto um método para dialogar com os educados começou a produzir resultados favoráveis com o passar do tempo.

Já na poesia que segue, observa-se que o ex-aluno, Erick Ripari, consegue expressar poeticamente seu sentimento de valorização pelo lugar que nasceu e morava.

Jureia Querida

Um pequeno vilarejo,
Rodeado por belezas onde
As águas do rio se encontram,
E as do mar esbravejam.
Uma grande cultura,
Músicas e violeiros;
O dia é atração,
A noite é festejo.
Suas belezas incomparáveis,
Seu povo hospitaleiro,
Sua cultura intocável,
Seu trabalho pesqueiro.
Oh, Jureia!
Terra de imortais,
Seus encantos me fascinam
E daqui não saio jamais.

A avaliação positiva do projeto “filosofia em Versos Caiçaras”, nas reuniões de ATPC

(aulas de atividades pedagógicas coletivas) me entusiasmei e também fiz buscar uma importante parceria com a AJJ que já vinha desenvolvendo um projeto denominado “oficina de fandango caiçara” onde se ensinava a construir e a conduzir instrumentos musicais do fandango como a Viola Branca Iguapeana e a Rabeca Caiçara⁵.

A inserção das oficinas na escola Sebastiana, sobretudo no período de funcionamento da escola família, começou a tornar a questão da cultura caiçara algo mais palpável e discutida tanto na escola como fora dela.

O fato das oficinas serem financiadas pelo programa Ponto de Cultura do Governo federal possibilitou que a AJJ tivesse condições financeiras para levar mestres artesãos nas escolas para que eles ensinassem os educandos às técnicas de confecção e condução dos instrumentos do fandango caiçara bem como a compartilhar seus saberes sobre experiência da vida local.

A partir de 2008, concomitante ao projeto da oficina de fandango, iniciei um novo projeto na escola Sebastiana que recebeu o nome de “Siri na Lata”. O objetivo do projeto foi discutir a questão da indisciplina, resultados de aprendizagem, desmotivação dos educando e a valorização da identidade local através de uma aula de campo na comunidade caiçara da Ilha do Cardoso, no município de Cananéia.

Com a parceria da AJJ, que financiou parte da viagem com recurso do Ponto de Cultura, o projeto “Siri na Lata” foi realizado com êxito e a temática caiçara passou a ser visto dentro da escola Sebastiana como um assunto importante para se trabalhar o ensino aprendizagem, identidade dos educandos bem como o diálogo entre escola e comunidade.

Projeto Espaço Caiçara: Vivência cultural dentro da escola⁶

Em 2010, a escola Sebastiana inaugurou um novo modelo de trabalho com a cultura caiçara chamado “Espaço Caiçara” que passou a envolver a comunidade local e adjacências. O Espaço Caiçara, que já está na sua sétima edição, constitui um evento escolar que atualmente faz parte do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) e a realização do projeto é da responsabilidade da turma do terceiro ano do ensino médio.

No segundo semestre de cada ano, os educandos, com o apoio da escola e dos educadores, organizam uma exposição sobre a cultura caiçara onde reúnem diversos artefatos

⁵ Instrumentos musicais do fandango caiçara que são confeccionados na sede da AJJ com a madeira da caxeta, árvore típica da Mata Atlântica de rápida regeneração e de fácil manuseio para produção de artesanato tradicional caiçara.

⁶ Ver site: <https://www.facebook.com/AssociacaodosJovensdaJureia/posts/1005696609472981>. Acesso em 19 de julho de 2017.

sobre o modo de vida local e também preparam um almoço à moda caiçara que é vendido à comunidade para arrecadar fundos para a formatura.

O evento mobiliza anualmente a Escola Sebastiana e a comunidade que juntas pesquisam a história local, refletem com os educandos a questão da identidade tradicional, produzem conhecimentos sobre a cultura caiçara e dialogam com a AJJ onde é possível vivenciar a educação popular através da oficina de fandango.

Histórico da AJJ e da oficina de Fandango Caiçara

Conforme expus inicialmente, meu interesse pela pesquisa caiçara teve início em 2003 quando comecei meu ofício de educador na ECJ. O modelo de educação que desenvolvíamos na escola me entusiasmava porque havia uma constante interação com a comunidade. A teoria e a prática caminhavam de mãos dadas na comunidade da Cachoeira do Guilherme proporcionando um aprendizado que se dava no cotidiano familiar conforme Brandão (2007) escreveu.

A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. (...) com os velhos em volta de fogueira. (...) O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão. (...) Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo de fazer. (BRANDÃO, 2007, p.22).

Aprender livremente. Aprender espionando o mais velhos fazerem uma gamela, um cesto de cipó de timbopeva⁷ ou um remo para conduzir a canoa no rio. Ter esse direito de aprendizado era o questionamento que me acompanhava na ECJ. Que outro modelo de escola poderia garantir esse tipo de ensino? O que fazer e como compartilhar o tanto de saber de experiência que havia ali na comunidade da Cachoeira do Guilherme? Não enxergava outro meio a não ser pela via daquele modelo de educação diferenciada ou educação popular.

Mesmo com o fechamento da ECJ em 2004, minha expectativa era de continuar praticando o ideal da escola caiçara na minha docência e essa possibilidade se fortaleceu quando consegui firmar a parceria entre a escola Sebastiana e a AJJ num acordo onde me permitia vivenciar com os educandos o ambiente da educação formal e não formal.

O contato freqüente com a instituição criada pelos jovens da Jureia, a AJJ, me possibilitou aprofundar meu conhecimento sobre educação popular, a ideologia da educação formal e o fandango caiçara.

⁷ Timbopeva é um cipó que nasce no alto da árvore e de lá lança suas raízes para o chão. Os indígenas ensinaram os caiçaras como usar esse vegetal de forma sustentável para confecção de cestos e outros artefatos utilitários.

Associação dos Jovens da Jureia-AJJ

Conforme fui estudando a história da AJJ, que foi criada em 1992, fui entendendo a minha identidade e também minha motivação pela educação popular caiçara.

A AJJ nasceu num contexto de conflito entre governo paulista e os caiçaras da Jureia. Esse conflito se intensificou partir de 20 de janeiro de 1986 quando o governador Orestes Quéricia assinou o decreto estadual, no. 24.646, marcando definitivamente a expulsão da população de seu território, não diretamente, mais de maneira mais perversa, pela proibição de seus meios de vida com a criação da Estação Ecológica da Jureia (OTSUKA, 2017, p.13).

Conhecendo a história da AJJ entendi como se deu a retirada de meus pais da Jureia na década de 1986 e ao mesmo tempo compreendi a importância da entidade em pensar um modelo de escola e de formação popular que resgate a cultura e preserve a memória das comunidades tradicionais caiçaras da Jureia.

Lendo, vendo fotos e ouvindo histórias do início da entidade, onde as famílias expatriadas da Jureia se encontravam para produzir artesanato da caixeta, manter a cultura e gerar renda familiar, fui percebendo que os jovens buscavam força junto à comunidade e na cultura para resistir à força do opressor.

Para que o sentido da vida continuasse existindo, os jovens caiçaras organizavam encontros onde discutiam estratégias de luta pelo território e dançavam para se unirem em torno do fandango que para Pimentel (2010) é a “expressão musical-coreográfica-poética e festiva da cultura caiçara” (PIMENTEL, 2010, p.14) e também a força que o caiçara resguarda enquanto resistência ao modelo capitalista que insiste em desconsiderar o saber da experiência dos fandangeiros, dos artesãos, dos contadores de histórias, dos pescadores. Além disso, é também o momento em que a comunidade se reúne para celebrar colheita (FRANCO, 2015, p 44).

Foi a partir desse contexto que me envolvi contidamente na pesquisa da cultura caiçara através da oficina de fandango.

Oficinas de fandango Caiçara como vivência de educação popular

No ambiente da AJJ comecei a viver mais intensamente a experiência de educação popular através das oficinas de fandango e continuo a vivenciá-la bem como promovê-la pelas escolas, comunidades e na região do Vale do Ribeira.

A experiência com a oficina de fandango me confirmou a opção que fiz pela educação e mais ainda pela educação diferenciada que é a educação popular caiçara pela qual me empenho.

Vou tratar aqui da confecção da rabeca caiçara que é um instrumento musical que junto à viola branca formam a dupla fandangueira.

Assim, quando a AJJ consegue recurso para realizar oficina de fandango a entidade abre inscrição e a comunidade bem como as escolas se inscrevem. Uma vez fechado um grupo de interessados a AJJ contrata um mestre para ensinar. O mestre acolhe o grupo na sede da AJJ e explica que a aula não é um momento rápido, mas uma vivência que exige paciência e tempo. O objetivo também não é apenas fazer a rabeca e ir para casa com o instrumento e sim mergulhar no universo da cultura caiçara entendendo a relação do instrumento com o fandango e o modo de vida caiçara.

Para tanto, a oficina começa no campo. O mestre leva os participantes para um caxetal, população de árvores, onde conta a história da caxeta e sua relação com a natureza. Mostra como se deve extrair a madeira e explica o motivo de ser uma árvore sustentável, pois a madeira cortada rebrota com facilidade.

A madeira usada na oficina não é extraída da mata pelo mestre, ele apenas mostra como se faz a extração da matéria-prima. A caxeta em tora é adquirida em propriedade legalmente autorizada para fazer o manejo da espécie.

De posse de uma tora da caxeta, o mestre então começa ensinando como se faz o braço do instrumento. Cada participante aprende a manusear o canivete com perfeição e cuidado para não ferir a mão. O braço do instrumento é a parte mais difícil de se esculpir, pois nela é preciso confeccionar o caracol, detalhe da rabeca que dá visibilidade ao instrumento.

No processo de confecção o mestre vai narrando as vicissitudes da vida caiçara, compartilhando as suas memórias e provocando a comunicação e a construção de sonhos entre jovens e adultos.

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma. Tendência comum dos narradores é começar com a exposição das circunstâncias em que assistiu ao episódio: “Certa vez, ia andando por um caminho quando...” Isso quando conta como não diretamente vivido por ele (BOSI, 1994, p.88).

Assim que termina o braço, o mestre começa a ensinar como se faz as laterais da rabeca que é conhecida por aro. O aro é uma tabuinha fina retirada da tora com auxílio do

cepilho⁸ ou através de uma plaina elétrica como acontece na sede da AJJ. O aro tem espessura de 3 cm e 5 cm de altura e seu comprimento depende do tamanho esperado da rabeca.

O aro é colocado em torno de um ferro quente para obter o arqueamento necessário e na seqüência é levado para forma onde recebe o braço do instrumento.

O próximo passo é a confecção dos tampos. Nessa etapa o mestre ensina os participantes a manusearem o alegre⁹ com sabedoria. Tanto o tampo inferior como o superior, necessitam serem esculpidos com uma parte côncava que ajuda na produção do som.

Após a confecção das partes vem a etapa da colagem. Com o aro e o braço fixos na forma, os tampos são colados nos aros e amarrados na forma para que aconteça uma boa colagem.

Depois de um dia secando, a rabeca é tirada da forma e começa a etapa do acabamento. Usam-se vários números de lixas e no momento do trabalho com elas o mestre vai ensinando a técnica de alisar a madeira de modo que a superfície do instrumento fique bem apresentável para receber o verniz adequado.

A etapa seguinte é da colocação das cravelhas onde são afixadas as cordas do instrumento para que aconteça a perfeita afinação da rabeca.

Por último é construído o arco da rabeca onde são colocadas as cordas que passadas no breu da rabeca¹⁰ ajudam a produzir o som inesperado¹¹.

O término de uma rabeca provoca no participante uma sensação de empoderamento. O mestre ajuda cada oficineiro fazer uma experiência pessoal de espanto diante do potencial que cada um descobre existir dentro de si mesmo.

Foi assim minha experiência com a oficina de fandango. Espantei-me com a experiência do fazer, do ouvir, do viver...

Foi dessa experiência que nasceu a minha motivação para realizar minha pesquisa de mestrado em educação na Universidade Federal de São Carlos - Campus de Sorocaba que conclui em 2015.

A pesquisa acadêmica me possibilitou conhecer um pouco mais de minha origem caiçara e o histórico das comunidades tradicionais da Jureia até o momento e também me

⁸ Plaina pequena usada para alisar madeira.

⁹ Instrumento de esculpir madeira construída de faca com a ponta arcada em semicírculo onde se afia o instrumento.

¹⁰ Espécie de resina retirada de árvore para passar nas cordas do arco da rabeca.

¹¹ Ver site: http://www.centrodememoria.unicamp.br/sarao/revista09/sarao_re_resenha.htm. Acesso em 20 de julho de 2017.

possibilitou o conhecimento sobre a luta das comunidades caiçaras pela liberdade e direito ao território conforme entende Paulo Freire.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienem. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 1987, p.34).

O resultado de minha pesquisa acadêmica gerou um projeto de extensão intitulado “Retratos Caiçara” que foi coordenada pela minha orientadora, professora Dra. Dulcinéia de Fatima Ferreira Pereira, com objetivo de expor o modo de vida da Cultura Caiçara através de retratos fotográficos.

A exposição e o resultado da minha pesquisa foi apresentado a comunidade da Barra do Ribeira no I Encontro de Educação Popular e Cultura Caiçara que aconteceu na sede da AJJ em 11 de julho de 2015.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasilienses, 2007. (Coleção primeiros passos, 2007).
- FRANCO, Paulo Cesar. **Oficinas de Fandango Caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Jureia-AJJ/Barra do Ribeira – Iguape – SP: Reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos-Campus Sorocaba, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- OTSUKA, Karina Ferro. **De caiçara em caiçara: Pela manutenção dos afazeres do dia a dia e da cultura tradicional**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais e da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- MELO, Teresa Mary Pires de Castro. **A Floresta, a Mesa e as Leis: espaços, comunicação e mudança cultural em comunidades tradicionais da Estação Ecológica Jureia-Itains**. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- MUSEU VIVO DO FANDANGO**. Alexandre Pimentel, Daniela Gramani, Joana Corrêa (Orgs.). Rio de Janeiro, Associação Cultural Caburé, 2006.
- WUNDER, Alik. **“Encontro de águas” na Barra do Ribeira: imagens entre experiências e identidades na escola**. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.